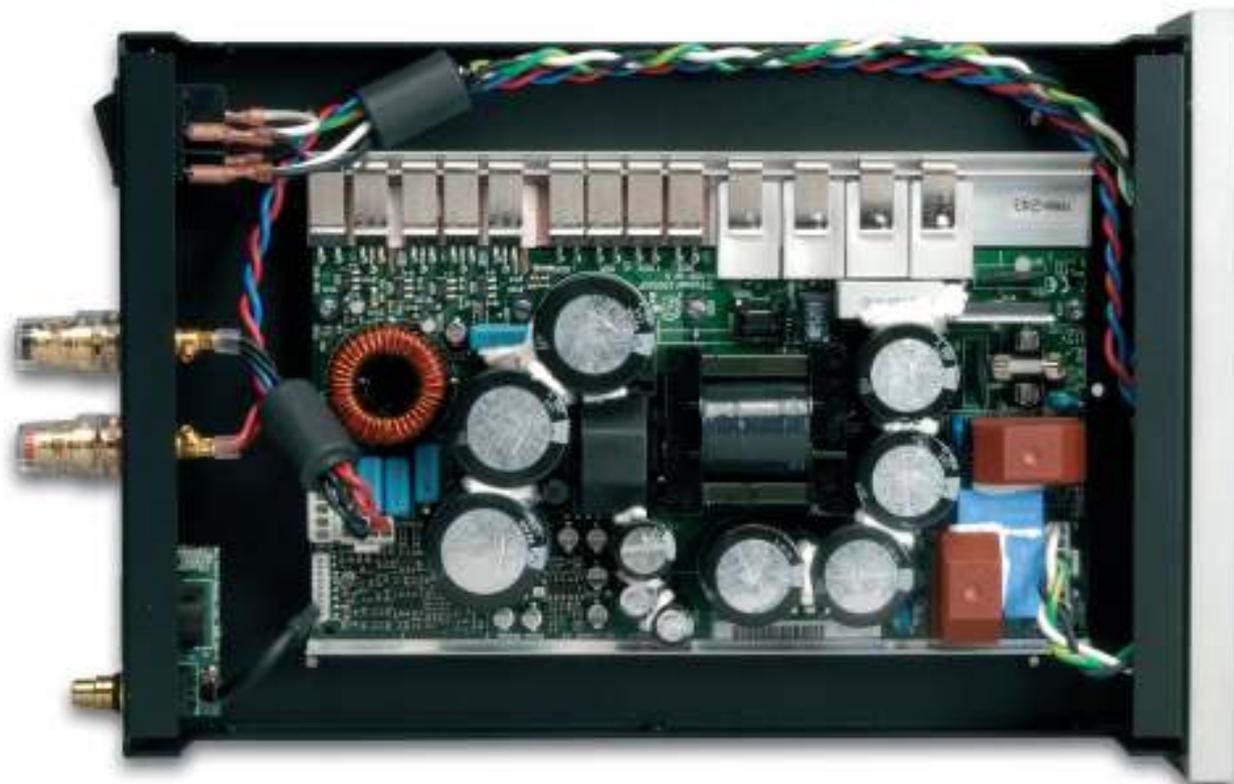




bel canto e.One PRe3/Ref.1000 A potência subliminar



Após a leitura de diversos artigos publicados na imprensa especializada, tanto *on-line* como em papel, confesso que fiquei com uma grande curiosidade relativamente à nova gama de produtos da bel canto, em particular, e à amplificação em Classe D, no geral, de modo que, ao surgir a oportunidade de testar os novos prévio e.One PRe3 e os monoblocos Ref.1000, agarrei a oportunidade com natural entusiasmo.

A linha de produtos e.One da bel canto não é a primeira a fazer uso das novas tecnologia de amplificação em Classe D, ou «Analogue Switching Amplifier», como lhe chama a bel canto, mas representa a estreia dos módulos de amplificação ICE Power da Bang & Olufsen, que substituíram as anteriores soluções baseadas em módulos Tripath. De acordo com o projectista da bel canto, John Stronczer, a utilização dos módulos ICE Power permitiu desenhar um amplificador com um patamar de ruído 10 dB inferior ao que tinha sido possível com as soluções Tripath, conseguindo ainda melhores valores de distorção harmónica e por intermodulação.

Ainda de acordo com as explicações constantes no *site* da bel canto, a linha de produtos e.One faz uso de uma sofisticada fonte de alimentação do tipo SPS (Switching Power Supply), cuja arquitectura e funcionamento a uma frequência elevada superior a 100 kHz a tornam muito superior às tradicionais fontes de alimentação de 50/60 Hz, nomeadamente pela ausência do tradicional ruído de funcionamento.

Descrição

Os e.One apresentam-se num chassis de reduzidas dimensões, com 216x76x305 mm e apenas 6 kg de peso, o que é particularmente impressionante quando nos detemos nas especificações apresentadas de 500/1000 Watt a 8/4 Ohm e corrente suficiente para conduzir impedâncias tão baixas como 2 Ohm.

Os amplificadores Ref.1000 possuem apenas um *led* azul no painel frontal, indicador do estado de funcionamento. Na traseira encontra-se o interruptor, entrada de sinal via ficha RCA e balanceada XLR e os terminais de colunas, os excelentes mas muito pouco práticos WBT, cuja capa plásti-

ca pode inviabilizar a utilização de algumas terminações.

O prévio e.One dispõe de um mostrador central com caracteres grandes e bem legíveis, que informa quer do volume relativo, quer da entrada seleccionada, sendo todo o funcionamento do prévio controlado por um simples botão rotativo à direita do mostrador, o que requer alguma habituação inicial, mas que se mostrou como uma boa e funcional ideia, assim que lhe tomámos o jeito. Na traseira, o PRe3 dispõe de seis entradas de linha, uma das quais balanceada. As saídas estão também disponíveis no formato RCA ou balanceada XLR, a que se junta uma saída para gravação.

Audições

Os bel canto substituíram a minha amplificação residente ligados às Sonus Faber Electa Amator II, com fonte digital Proceed CDP e analógica Michell Gyro Dec/RB300/Benz Micro Glider com RIAA Plinius Jarrah. A cablagem constou de Nordost Frey balanceado entre pré e powers e Nordost Red Down Revll nas colunas.

TESTE bel canto e.One PRe3/Ref.1000



As primeiras audições impressionaram-me pela ausência de um véu que de alguma forma tolde a comunicação entre o ouvinte e os músicos. Fruto, sem dúvida, de uma transparência excepcional, a reprodução musical decorre sempre com tranquilidade e absoluto controlo. Curiosamente, quando, atendendo às especificações, esperava uma sonoridade de demonstração de força, fui confrontado com quase o seu oposto. De facto, já ouvi amplificadores muito menos potentes no papel a soarem muito mais poderosos. O que sempre me pareceu que os bel canto fazem é utilizar a grande potência que têm não para se evidenciarem mas antes para assumirem um controlo imperturbável da reprodução musical, de um modo quase subliminar, sem necessidade de o demonstrar à força na cara do ouvinte.

Principalmente com gravações de música acústica, não apenas os clássicos mas também os agrupamentos

de jazz, o destaque vai para uma natural apresentação do evento sonoro, onde a uma tonalidade cálida se junta uma notável definição, um ágil sentido do ritmo e uma soltura global que muito contribui para uma correcta reprodução das principais

características de qualquer obra musical, facultando assim uma fácil comunicação com o ouvinte. O palco sonoro é largo e alto mais do que profundo, onde todos os músicos parecem conseguir coabitar sem quaisquer atropelos, independentemente de o número de efectivos do agrupamento se resumir a um quarteto de jazz ou ser uma orquestra sinfónica completa.

Numa audição despreocupada, o registo grave estranha-se por parecer carente em extensão, todavia, uma audição mais atenta permite perceber que tal não é verdade. O grave é até muito extenso e, principalmente, muito limpo até ao limite dessa extensão. Acontece que é um grave ritmado, ágil e leve, com uma notável capacidade de pára/arranca, algo pouco vulgar e que por isso se estranha. Ouvir-se repentinamente, em determinada altura da 3ª Sinfonia de Brahms, uma nota extremamente baixa tocada pelos contrabaixos e que mal faz sentir a sua presença logo se desvanece, foi uma experiência muito interessante. Normalmente, este trecho que já ouvi dezenas ou centenas de vezes, surge como um ronco poderoso mais ou menos indefinido conforme a habilidade das colunas utilizadas, todavia, os bel canto imprimiram uma articulação e uma agilidade tais à reprodução sonora que aquilo que é normalmente um ronco surgiu como uma natural e totalmente inteligível extensão do discurso musical.





Depois de Brahms, foi a vez de John Williams e da banda sonora de *Star Wars Ep. III*, uma partitura dinamicamente complexa e que faz uso de um efectivo orquestral de grandes dimensões. Os bel canto revelaram uma apresentação sonora plena de compostura, total controlo e uma paleta tímbrica vasta e absolutamente invejável. A gama média, essencialmente neutra e muito reveladora, é também suficientemente cheia e macia para conferir imponência aos naipes de metais sem nunca resvalar para a frieza ou agressividade, e onde só se poderia pedir um pouco mais de energia ou determinação para se bater de igual para igual com os melhores. Quando a música o exige, o equipamento de reprodução deve ser capaz de agarrar o ouvinte pelos colarinhos e obrigá-lo a prestar atenção. Os bel canto são demasiado bem-educados e polidos para assumir uma postura desse tipo.

O registo agudo é muito extenso, extremamente limpo e ligeiramente recuado, surgindo sempre como uma natural extensão da gama média, sem quaisquer ênfases ou soluções de descontinuidade. As notas mais agudas do piano de Keith Jarret soaram sempre acutilantes mas não afiadas, límpidas e com um decaimento temporal bem longo, que confere à reprodução do piano um toque de realismo que nos agarra à audição do disco do princípio ao fim.

Conclusão

Os bel canto são a prova provada que as novas tecnologias de amplificação estão aí para ficar. A todos os que julgam a Classe D como fria ou agreste, convido a fazerem uma audição dos bel canto e.One e comprovarem por si próprios as qualidades sonoras a que acabei de me referir. Para além

da sofisticada tecnologia que lhes oferece vantagens não negligenciáveis, como as dimensões reduzidas ou a leveza, há ainda que considerar o baixo consumo de energia e o facto de não aquecerem em funcionamento, permitindo serem instalados num local fechado. Por fim, há que considerar uma performance sonora de grande nível, diferente é certo, mas excelente, com uma elevada potência a conferir-lhes a capacidade de conduzirem praticamente quaisquer colunas que se lhes queiram associar.

Por fim, trata-se de um conjunto de prestações *high-end* a um preço não tão *high* assim, sendo de louvar uma extraordinária relação qualidade / preço, que faz dos bel canto um verdadeiro *must have*.

Preço PRe 3: 2.247,00 €

Preço Ref.1000 cada: 2.646,00 €

Representante: JM Audio

Tel.: 93 649 47 93

Discos utilizados nas audições

COMPOSITOR / OBRA	INTÉRPRETES	EDITORA
J. Brahms Sinfonia nº 3 em Fá maior Op. 90	Orquestra Filarmónica de Viena Leonard Bernstein	DG
Vivaldi As Quatro Estações	Europa Galante Fabio Biondi	OPUS 111
John Williams Star Wars – Ep. III – Revenge of the Sith	London Voices Orq. Sinfónica de Londres John Williams	SONY CLASSICAL
Samuel Barber Adágio para orquestra de cordas	Orquestra Filarmónica de L. A. Leonard Bernstein	DG
Diana Krall From This Moment On	Diana Krall	VERVE
Pink Floyd The Final Cut	Pink Floyd	EMI
Keith Jarret The Köln Concert	Keith Jarret	ECM RECORDS (LP)
Miles Davis Decoy	Miles Davis	COLUMBIA (LP)

Especificações

e.One PRe3	
Largura de banda	DC-200 kHz Carga > 600 Ohm
Valor de volume para ganho unit.	100 Ajustável
Balço	+/- 6 dB Absoluto e Intercanais
Crosstalk	> 100 dB
Ganho máximo	20 dB
THD+N	< 0,0025%
Relação sinal/ruído	105 dB 2 Vrms In/Out
Sobrecarga da entrada	10 Vrms
Nível de saída máximo	9,5 Vrms <i>Balanced/single-ended</i>
Impedância de entrada	20 kOhm/10 kOhm <i>Balanced/single-ended</i>
Ligações de vídeo	100/200 Ohm <i>Balanced/single-ended</i>
Dimensões	215x 304x76mm / LxCxA
Peso	6 kg
e.One REF.1000	
Potência de saída	>500 W @ 8 Ohm / >1000 W @ 4 Ohm
Carga mínima	2 Ohm
Resposta em frequência	+/-0,5 dB 20 Hz-20 kHz
THD+N	0,007%, 1 W, 1 kHz, 4 Ohm
IMD (CCIF)	0,0007%, 1 W, 14:15 kHz, 4 Ohm
Ganho em tensão	27 dB (entradas single-ended ou balanceada)
Damping factor	>1000
Impedância de saída	<8 miliOhm @ 100 Hz<
Gama dinâmica	120 dB
Tensão ent. nível máx. saída	3 Vrms
Impedância de entrada	10 kOhm/20 kOhm (SE/Balanceada)
Dimensões	215x 304x76mm / LxCxA
Peso	6 kg